

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 36

2017

Nº 215

JULHO - AGOSTO

Não aderimos ao último acordo ortográfico

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Discurso de Flammarion	4
1500-592 Lisboa	O filho pródigo	6
Telefone : 217 647 441	Prece (Poema)	8
	O Apóstolo de Samaria	9
*	A Epilepsia (cont.)	14
Director Responsável :	A vida após o parto	23
Manuela Vasconcelos	Avé Maria (Poema)	25
	José da Galileia	26
*	Os filhos de ninguém	28
Tiragem : 150 exemplares	Fermento Espiritual	33
Distribuição Gratuita	Busco um Amigo...	35

*
Registo nº.211720
Depósito Legal Nº. 13972

*

EDITORIAL

Há uma história que gostamos sempre de recordar quando queremos lembrar a necessidade de “cada um fazer a sua parte” : a de um turista, acabado de chegar a uma cidade do Egipto, que deixara a mala no quarto do hotel, trocara de roupa, e se dirigira de imediato para a praia para ver o que um rapaz, que vira da varanda do quarto, estaria fazendo repetindo sempre os mesmos gestos; ao aproximar-se, notou as estrelas do mar que limitavam o areal como um muro a separá-lo das águas, ao longo de vários quilómetros. O rapaz baixava-se para apanhar aquelas estrelas e de imediato jogava-as para longe, devolvendo-as ao mar, que as atirara para terra. O turista perguntou-lhe o que estava ele fazendo, obtendo como resposta que estava tentando salvar aquelas estrelas, ainda vivas.

- Mas elas são muitas! Você não vai conseguir salvar todas!

Sem parar o que estava fazendo o rapaz respondeu:

- Não, mas faço a minha parte!

Depois de ficar ainda uns instantes olhando os gestos do rapaz, o inglês descalçou os sapatos, meteu-se à água e começou, ele também, “fazendo a sua parte” ...

*

Emmanuel, no capítulo 55 do livro ‘Pão Nosso’, psicografado por Francisco Cândido Xavier, escreve no término

do mesmo: *“Cumpra os deveres que te cabem e receberás os direitos que te esperam. Faz correctamente o que te pede o dia de hoje e não precisarás repetir a experiência amanhã”*

Quantos de nós, dentro do livre arbítrio que a todos nos cabe, vamos adiando o que deveríamos fazer, deixando para “amanhã” o que devia ser a nossa preocupação do hoje e agora?! E a nossa parte, que fica por fazer, acaba por nos prejudicar, não unicamente a nós, mas a todos aqueles que nos rodeiam e fazem parte do nosso grupo, na sociedade onde estivermos inseridos!

Quando andamos pelo interior do nosso país, quantas vezes não notamos os terrenos que deviam estar limpos, a evitar acidentes maiores, repletos de mato, apenas porque alguém entendeu que não valia a pena fazer a sua parte – e quando o mal surge, nas chamas vorazes que levam tudo à sua frente, quantas vezes não se culpam os inocentes em função daquela atitude do “deixar para amanhã” o que aconteceu a todos!

Fazer a nossa parte – dentro do livre arbítrio que o Senhor nos concedeu, é – deve ser – a nossa maneira de colaborarmos com a obra do Senhor e a Sua dádiva para com todos nós, de maneira a que haja “um lugar melhor ao sol” para todos. Não podemos continuar, egoisticamente, à espera de que os outros – sempre os outros – façam a sua parte ... e também a nossa! Todos somos responsáveis!

A DIRECÇÃO

DISCURSO NO TÚMULO DE ALLAN KARDEC, POR CAMILLE FLAMMARION

(Continuação)

“Não é, porém, aqui o lugar azado para uma discussão irreverente. Deixemos somente baixar dos nossos pensamentos, sobre a face impassível do homem deitado ante nós, os testemunhos de affecto e sentimentos de saudade, que formem em torno dele e do seu túmulo uma atmosfera balsâmica de eflúvios do coração.

“Já que sabemos que sua alma imortal sobrevive aos despojos mortais, assim, como preexistiu a eles; que laços indestrutíveis ligam o mundo visível ao mundo invisível; que esta alma existe hoje tão completa como há três dias e que não é impossível achar-se entre nós agora; digamos-lhe que não quisemos ver dissipar-se a sua imagem corpórea e encerrar-se no sepulcro sem lhe honrar unanimemente os trabalhos e a memória, sem pagar o tributo de reconhecimento à sua encarnação terrestre, tão útil e dignamente preenchida.

“Em breve traços esboçarei as principais linhas da sua carreira literária.

“Morto na idade de 65 anos, ALLAN KARDEC consagrou a primeira parte da sua vida a escrever obras clássicas, elementares, destinadas, principalmente, ao uso dos preceptores da mocidade. Quando, em 1855, as manifestações consideradas novas, das mesas falantes, das pancadas sem causa apreciável dos movimentos insólitos de objectos e de móveis, começaram a atrair a atenção pública e chegaram a produzir nas imaginações

irrequietas uma espécie de febre, por causa da novidade das experiências, ALLAN KARDEC, estudando a um tempo o magnetismo e os seus singulares efeitos, acompanhou, com a maior paciência e a mais judiciosa perspicácia, as experiências e as tentativas, tão numerosas, levadas a efeito em Paris. Recolheu e coordenou os resultados obtidos por essa longa observação e, com eles, compôs um corpo de doutrina publicado em 1857 com a primeira edição de ‘O Livro dos Espíritos’.

“Todos sabeis quão grande êxito alcançou essa obra em França e no estrangeiro. Havendo já alcançado a 15ª edição, tem espalhado por todas as classes a doutrina elementar que não é nova, pois a escola de Pitágoras, na Grécia, e a dos druidas, na nossa pobre Gália, ensinavam os seus princípios fundamentais conquanto revestisse uma forma de ocasião por sua correspondência com os fenómenos.

“Depois dessa primeira obra, apareceram sucessivamente ‘O Livro dos Médiuns’, ou ‘Espiritismo Experimental’, ‘Que é o Espiritismo?’, ou resumo sob a forma de perguntas e respostas, ‘O Evangelho segundo o Espiritismo’, ‘O Céu e o Inferno’, e ‘A Génese’. A morte surpreendeu-o no instante em que, infatigavelmente activo, trabalhava numa obra sobre a relação do Magnetismo com o Espiritismo.

“Pela ‘Revue Spirite’ e pela ‘Société Spirite’, de que era President4e, de Paris, tinha-se constituído, de certa maneira o centro para onde tudo convergia, o traço de união de todos os experimentadores.

(Continua)

(In: Obras Póstumas, edição Lake – S. Paulo, Brasil).

O FILHO PRÓDIGO

Se e quando lhes apreendemos o sentido, as parábolas de Jesus – com que Ele fazia o povo compreender, por um lado, o quanto o Pai nos amava, e, por outro, da necessidade de nos modificarmos – as suas parábolas, vinte séculos passados, ainda hoje nos recordam, a todos nós, de quanto é necessária a nossa modificação para “voltarmos para Deus”... não voltar no sentido de regresso, depois de termos feito uma viagem de recreio até à Terra, mas voltar, com os nossos dons adquiridos, mediante aquilo que nos deu, quando d’Ele nos afastámos.

E, entre a parábola dos talentos e a do Filho Pródigo, vamos ‘balançando’, enquanto procuramos perceber melhor as suas palavras relativamente ao que nos é mais necessário. Muitos de nós, tal como o filho pródigo que exigiu ao pai tudo a que tinha direito, considera-se completamente ‘capaz’ de agir sozinho; pensamos que o facto de sermos adultos nos concedeu a sabedoria necessária para não precisarmos mais dos conselhos paternos nem da sua ‘asa’ protectora... e só bem tarde, depois de desbaratarmos tudo o que conquistáramos de sabedoria enquanto a seu lado, e de nos deixarmos envolver no ‘canto da sereia’ dos falsos amigos, que de nós se aproximaram para beneficiarem do que poderiam obter, ao reconhecerno-nos sós e perdidos, percebemos a falta que nos fez a casa paterna! Queremos voltar mas a vergonha tolhe-nos os passos; queremos falar mas o receio do que escutaremos, nas críticas à nossa conduta, silencia-nos... e quando, finalmente, a Mestra dor nos encaminha para onde devemos ir, é que deixamos que a humildade se apodere de nós e nos oriente no caminho a fazer ou refazer. Somos adultos, vencidos pelos maus passos que demos nos caminhos da Vida,

embora até então continuássemos a agir como as crianças que, encantadas com o balão colorido que nos puseram nas mãos, o vão apertando até o rebentarem!

Necessitados de tudo, empreendemos, finalmente, o regresso à casa paterna: talvez ansiemos mais pelo carinho que recordamos ter já recebido do que pela paz da casa... mas tudo é importante! Desde o amor do Pai, às paredes que recordam a nossa meninice; desde os companheiros com quem brincámos, aos familiares que podem não ver com bons olhos o nosso regresso, tudo nos fala do que tivemos e perdemos!

E o Pai, como agirá ele ao tomar conhecimento da nossa chegada? Irá criticar-nos? Censurar-nos por tudo o que fizemos de errado? Mencionará os bens que perdemos, agindo como irresponsáveis? Ou abrir-nos-à os braços, acalentando-nos ao seu coração? Ele é Pai! Deu-nos a vida e embora ferido, talvez, pela nossa ausência, sabe das nossas dores, do sofrimento que criámos para nós próprios – que o dele não conta – com a nossa independência, e o saber que pusemos de parte a continuação de uma existência viciosa, para ele já é suficiente: apenas quer que não nos percamos mais, porque – tal como Jesus afirmou na parábola do filho pródigo – ele dirá apenas, para quem o critique: - O meu filho estava perdido e foi encontrado; estava morto e ressuscitou!

A parábola do filho pródigo, quanto a nós, é a história da atitude do Senhor para com todos nós seus filhos – quando, depois do cansaço da vida dissoluta entendemos que o melhor será sempre **VOLTARMOS PARA O PAI!**

MANUELA VASCONCELOS

PRECE

Na noite densa que atravessei
Cheguei aqui, Senhor!
Não vou falar-te das lágrimas que chorei,
Das vezes que chamei por Ti,
Nem vou falar-te das outras, que falhei
E daquelas em que Te esqueci!
Passado, Presente ou Futuro
Tu nada ignoras!
E de mim, saberás melhor
Aquilo com que podes contar
Que eu, Senhor !
Sabes das minhas fraquezas e desesperanças,
Das minhas tristezas de criança!
(Tão velho sou, afinal,
E como 'inda caio no mal!)
Não vou falar do que fiz,
Nem vou dizer do que quis...
Venho a Ti para implorar
Uma compreensão nova, diferente,
Que englobe toda a gente
Num novo modo de amar;
Que nos faça ser contente
Por nos podermos doar;
Que dê valor a quem sente
Que precisa perdoar...
- Que do Teu Amor a semente
Possa, enfim!, enflorar,
Que no dia de Amanhã
Erro seja palavra vã!
De mãos em súplica, Senhor,
Eu não peço o Teu Amor:

Imploro o Teu perdão
Sobre todos nós, numa bênção!

MANUELA

*

O APÓSTOLO DA SAMARIA

Na obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier, o romance que narra a vida do Senador romano Públio Lêntulus, “Há dois mil anos”, nos contempla com informações preciosas acerca de algumas personalidades que tiveram acesso directo ao Mestre de Nazaré.

Dentre esses, destaca-se um ancião de nome Simeão, natural de Samaria. Beneficiado pelas bênçãos das mãos consoladoras de Jesus, quando Ele por lá transitara, era tio da serva de confiança da esposa do orgulhoso Senador, Ana.

Coração pleno de gratidão, foi até Cafarnaum para ver o Messias. Desejava ouvi-Lo uma vez mais, banhando-se da Sua luz.

“Do seu olhar profundo e das cãs veneráveis emanavam as doces irradiações da maravilhosa simplicidade do antigo povo hebreu, e a sua palavra, ungida de fé, sabia tocar os corações nas cordas mais sensíveis, quando narrava as acções prodigiosas do Messias de Nazaré.”¹

Sua expressão fisionómica expressava firmeza e doçura, inspirando respeito e no crepúsculo de um dia claro e quente, às margens do Tiberíades, ele pôde ouvir o Sermão das Bem-

Aventuranças. Igualmente foi agraciado, como a multidão que ouvia atenta, com pão e peixe multiplicados pelas mãos generosas do Caminho, Verdade e Vida.

Desejoso de receber um roteiro para a entrada no reino dos céus, ao anunciado, Simeão aproximou-se de Jesus para lhe indagar do procedimento mais adequado para alcançar o seu objectivo.

Inflamado de amor, expressa a sua vontade de ser um dos escolhidos para ser imolado em nome da verdade, para ouvir a ternura de Jesus segredar-lhe que não tivesse pressa. Em momento oportuno, Simeão haveria de testemunhar de forma sacrificial o seu devotamento.

Na oportunidade em que Jesus vai a Jerusalém, para a derradeira Páscoa, apesar da sua idade avançada, o velho patriarca realiza a grande caminhada. Romeiro desassombrado, junto a outros corações permanece estacionado nas cercanias do Monte das Oliveiras.

Quando se consuma a prisão do Amigo, Simeão contempla o martírio que lhe é infligido e, ao perceber inevitável a crucificação, dirige-se à esposa do senador romano para suplicar o seu patrocínio. Quem sabe, ela poderá intervir junto ao governador Pôncio Pilatos?

Tudo se torna vão e nada mais lhe resta se não acompanhar, pelos íngremes caminhos, até à colina do Gólgota, a Luz do Mundo, permanecendo ali durante as horas da Sua agonia e morte.²

Cerca de 40 dias após o infamante episódio, Simeão recebeu em sua casa a sobrinha Ana, acompanhada de sua senhora Lívia e a filha Flávia. Vinham em busca de abrigo e segurança, fugindo à orquestração da maldade.

O ancião erguera, em sua propriedade, uma grande cruz, pesada e tosca e colocara uma mesa ampla, em torno da qual se reuniam criaturas que vinham ouvir-lhe a palavra amiga e confortadora, todas as tardes.

Viúvo, com os filhos casados, residentes em aldeias distantes, ele vivia só. Sempre inspirado, comentava as passagens da Boa Nova que ouvira pessoalmente, desde que ainda não haviam surgido as anotações iniciais para serem compulsadas.

Ele tivera o cuidado, no entanto, de escrever tudo que sabia do Mestre de Nazaré, a fim de melhor recordar, naquelas reuniões humildes. Seis dias decorridos da presença das visitantes em sua casa, o ancião passou a ser tomado de preocupação, sabedor que elas ali haviam comparecido em busca de protecção.

Singulares impressões lhe enchiam o espírito. Parecia-lhe mesmo que o Mundo Invisível lhe dirigia apelos carinhosos, indefiníveis.

Assim, despertou pela manhã e começou a tomar providências. Algo lhe dizia que precisava proteger aquelas mulheres. Após o almoço, encaminhou-as a uma galeria, à distância de poucos metros de sua residência.

O subterrâneo era conhecido somente por ele e pelos filhos ausentes. Aconselhou-as quer ali permanecessem até à noitinha.

Alimento e água haviam sido trazidos e o ambiente recebia o ar puro e fresco do vale.

Como poderiam ouvir os rumores da cercania, teriam condições de saber quando e se deveriam deixar o esconderijo.

Em verdade, logo mais, o ancião recebia os soldados, tendo à frente um homem decidido a encontrar o que considerava suas presas. Simeão foi instado a dizer onde elas se encontravam. Furtando-se a tal, e mantendo-se firme em sua posição, granjeou para si a cólera do infeliz lictor.

Amarraram-lhe as mãos, invadiram-lhe a casa e o quintal, encontrando seus pergaminhos e objectos de suas recordações. Tudo foi trazido à sua presença e destruído, entre sarcasmos e ironias.

Como a coragem do apóstolo não arrefecia, os soldados amarraram-no pelo tronco e pelas pernas na base do pesado madeiro. Despiram-lhe o dorso para os tormentos do açoite. E quando assim se encontrava, ele viu chegarem aqueles que habitualmente o buscavam para as lições e preces da tarde.

Todos, indagados pela soldadesca, afirmaram não conhecê-lo, o que lhe fez doer profundamente o coração. Recompôs-se, contudo, recordando que o Mestre fora também abandonado na hora extrema. O flagício começou, sem que o ancião deixasse escapar o mais ligeiro gemido.

Da terceira vez que brandiu as tiras de couro, o soldado parou e informou ao líder da escolta que algo o estava perturbando. Uma luz, dizia, no alto do madeiro, lhe paralisava os esforços.

Cheio de ódio, o chefe tomou dos açoites e ele mesmo realizou o suplício. Simeão contorce-se em sofrimentos angustiosos. Sente estalar os ossos envelhecidos, que se quebram. Banhado de suor e sangue, murmura preces, apelos a Jesus para que os tormentos não se prolonguem indefinidamente.

Então, a fronte pende, renunciando o fim da resistência orgânica. Como, ainda assim, permanece firme em não informar onde se encontram as suas protegidas, enterram-lhe a lâmina de uma espada no peito.

Ele experimenta a sensação de um instrumento abrindo-lhe o peito. Ao mesmo tempo, duas mãos de neve alisam-lhe os cabelos embranquecidos pelos 70 anos vividos.

Ouve cânticos esparsos, percebe aves de luz, voejando numa paisagem paradisíaca. Recorda-se da Terra Prometida, do Reino do Senhor. Terá aportado ali?

Rememora a Terra, suas últimas preocupações e dores e uma sensação de cansaço o domina.

Uma voz, que ele reconheceria entre milhares de outras, fala-lhe brandamente:

- Simeão, chegou é o tempo do repouso!... Descansa agora das mágoas e das dores, porque chegaste ao meu Reino, onde desfrutarás eternamente da misericórdia infinita do Nosso Pai!...

Um bálsamo suave adormentou o seu espírito exausto e amargurado. O velho servo de Jesus fechou, então, os olhos,

placidamente, acariciado por um entidade Angélica que pousou de leve as mãos translúcidas sobre o seu coração desfalecido.³

O Apostolo de Samaria tivera seu sacrifício aceite pelo Mestre de Nazaré.

1 – XAVIER, Francisco Cândido. As pregações do Tiberíades. In: Há dois mil anos. Pelo espírito Emmanuel. 13. Ed. Rio (de Janeiro), FEB, 1977, pt. 1, cap. 7

2 – No grande dia do Calvário. Op. Cit. Pt. 1, cap.8.

3 – O Apóstolo de Samaria. Op. Cit. Pt. 1, cap. 10

(In: Jornal O MUNDO ESPIRITA, da Federação Espírita do Paraná, Brasil, Abril de 2006, de onde o transcrevemos com a devida vénia).

*

A EPILEPSIA E A ESQUISOFRENIA

(Continuação)

PARTE II

A evidência de que a epilepsia é fruto de acção magnética de um Espírito de ser humano, sobrevivente ao fenómeno da morte, contra o Espírito de um ser humano vivo, ressei do que registam os próprios tratados de Psiquiatria, Neurologia e Psicologia, publicados no curso de pouco mais de cem anos, como resultado das observações dos autores em face dos pacientes, e que pode compreender seis fases, não absolutamente necessárias, uma vez que algumas deixam de ocorrer com determinados pacientes, mas que, na realidade, nada mais representam que a actuação do agente contra o paciente, com o propósito de subjugá-lo, utilizando em primeiro lugar sua mente,

depois seu corpo, na execução do plano de desmoralizar, arruinar e incompatibilizar seu inimigo de vida anterior, com os semelhantes de agora. Nessas seis fases, assim age o subjugador: na **primeira**, tentando ofuscar-lhe a consciência (aura); na **segunda**, pondo-o em estado de sono magnético (crise confusional, perda de consciência e ausências); na **terceira**, atirando-o ao solo, sono e sonho epiléticos; na **quarta**, promovendo a exteriorização do Espírito do vivo, apossando-se do seu corpo, e passando a comandá-la, isto é, fazendo-a correr alguns metros (fase procursiva), ou andar alguns quilómetros (fuga epilética); na **quinta**, exibindo força descomunal, agredindo os circunstantes, bebendo, violando, roubando, matando ou incendiando (estado de fúria); na **sexta**, amnésia-consecutiva ou lacunar.

Primeira fase (tentativa de ofuscamento da consciência e aura): “**OFUSCAÇÕES** ou obnubilação súbita...” – primeiros resultados da acção magnética. “Antes do ataque, um doente imaginava que chamavam por seu nome, repetidas vezes.” (William Hammond, Professor de doenças mentais e nervosas da Universidade de Nova York, ‘Treatise on the Diseases of the Nervous System’, Nova York, 1871, parte terceira, cap. II). “A aura pode reduzir-se a **algumas sacudidas musculares**” (Levy-Valensi, médico dos Hospitais de Paris, “Manual de Psiquiatria”, Barcelona, 1930, pág. 346). Mediante cargas magnéticas, o próprio Guia Espiritual da pessoa costuma fazer com que sinta **arrepios** por todo o corpo, ou se ponha a **bocejar**, repetidamente, sem estar com sono.

Segunda fase (Crise confusional, perda da consciência e ausências): não se pode aceitar “coexistência de epilepsia e consciência nítida e perfeita”. Há “crises alucinatórias”, predominando as de “cunho religioso ou **persecutório**”. Na

ausência, o indivíduo **perde a consciência do que estava dizendo...**”. Às vezes, durante a ausência, o subjugador através da boca do subjugado, “pronuncia um certo número de palavras sem nexos ou então **muito imorais**”. “Interessante é que, às vezes, se praticam durante os **períodos de automatismo, actos que estão em desacordo(!) com a vida anterior do indivíduo**”. No delírio epiléptico, vê o paciente “**figuras aterradoras**” (Henrique Roxo, Catedrático da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, “Manual de Psiquiatria” Cidade de Rio de Janeiro, 1944, págs. 369, 370 e 372. A **AUSÊNCIA** consiste em ser expulso do corpo o Espírito (subjugado), para que dele possa apossar-se o Espírito estranho (subjugador), e fazer as maluquices que queira, de sorte que os circunstantes pensem que os actos sejam do epiléptico, Nisso é que está a vingança do subjugador. Tudo aquilo que o subjugador presenciou ou fez, fica na **MENTE DELE**; quando o subjugado reassume o comando do corpo, não pode, evidentemente, com sua mente, lembrar-se daquilo que está na mente do subjugador. Se, porém, o subjugador toma posse do corpo repetidas vezes, em alternância com o subjugado, recorde-se, esse, apenas do que viu, enquanto esteve na posse do corpo. Daí se chamar essa memória de lacunar, isto é, Cheia de lacunas, (A memória contínua é chamada de **consecutiva**). Depois da crise **confusional**, há **AMNÉSIA** frequente, senão constante (**CONSECUTIVA**), que pode tomar a forma de **AMNÉSIA LACUNAR...**” (Levy Valensi), obra citada, pág. 141).

Terceira fase (Ataque, queda, sono e sonho epilépticos): após a perda da consciência, dá-se “contração tetânica generalizada”, pondo a boca do paciente aberta e logo violentamente cerrada) e fazendo o corpo entrar em convulsões (Bela Szekelly, psicólogo húngaro e fundador do Instituto Sigmund Freud, de Buenos Aires – ‘Dicionário Enciclopédico .

de la Psique’, Buenos Aires, 1950, pág. 175, 2ª. Col.). As convulsões resultam da luta do subjugador para conseguir dominar e subjugar seu inimigo de outra vida; acaba conseguindo atirar ao solo o magnetizado, que se começa a babar e às vezes entra em estado de sono estertoroso, e até através do sonho continua perseguindo sua vítima. “O epiléptico **sonha** a miúde; seu sonho é um **pesadelo**, de que não se lembra ao despertar, mas se traduz, para o observador, sob a forma de **AGITAÇÃO, GRITOS, FRASES INCOERENTES**”, evidentemente por estar sendo perseguido pelo subjugador (Levy – Valensi, obra citada, pág. 346). Uma dama inteligente, antes de ficar epiléptica, mal adormeceu, sonhou com um velho de preto, que reconheceu ser seu pai, trazendo nas mãos uma pesada coroa de ferro. “**O FANTASMA PATERNO** (“The paternal phantom), estendendo-lhe a coroa com os braços, dizia: - **Minha filha, durante minha vida fui obrigado a carregar esta coroa; a morte libertou-me de seu peso, mas agora é a ti que cabe suportar este fardo.**” Com estas palavras impôs a coroa na cabeça da filha e desapareceu. Voltando a dormir, tornou a sonhar com o fantasma do pai, a censurá-la, por não querer aceitar a coroa. Antes de mais dois acessos epilépticos, nos meses seguintes, voltou a sonhar com o fantasma do pai e a coroa (William Hammond, obra e capítulo citados). O pai fora epiléptico.

Quarta fase (fugas): “A epilepsia prokursiva é uma fuga em miniatura; o enfermo corre alguns metros. A fuga epiléptica é geralmente análoga, porém, o paciente anda vários quilômetros em linha recta, sem se alimentar, ingerindo o que encontra pelo caminho”. (Levy-Valensi, obra citada, pág. 317). O subjugado corre, ou anda, sob o comando do subjugador.

Quinta fase (estado de fúria): “o maníaco epiléptico é o alienado mais perigoso: **sua força é dez vezes maior** e sua violência cega o tornam justamente temível” (Levy-Valensi), obra citada, pág. 347). Como é possível que um ser humano, **com o mesmo sistema muscular**, de repente fique **com força dez vezes maior?!...** Só por aí se verifica que o estado do indivíduo não é normal, porém rigorosamente paranormal. “O **ACTO EPILEPTICO** geralmente é um crime, sobretudo um assassinato ou um incêndio, efectuado sob a forma de **IMPULSO BRUSCO, INSTANTÂNEO, VIOLENTO...**” (E. Régis, professor de Clínica Psiquiátrica da Universidade de Bordéus – “Précis de psychiatrie”, Paris, 1914, pág. 1087).

Sexta fase (Amnésia): “Um epiléptico, logo que acaba de cometer um assassinato, reconhece-o e confessa. No dia seguinte, porém, diz que **NADA SABE** do que se lhe está falando.”. (E. Régis, obra citada, pág. 1087). Acabando de cometer o assassinato, confessa o Espírito subjugador, utilizando o aparelho da fonação do subjugado, com o propósito de incriminar o corpo do subjugado, que foi ele, “subjugado” o assassino. No dia seguinte, o subjugado, já de novo senhor do seu aparelho da fonação, e não podendo lembrar-se do que está na mente do subjugador, nega terminantemente, com sinceridade, com ênfase e com verdade, que seja ele o assassino. Quem estava no comando do corpo, quando se praticou o crime, não era o subjugado, mas o subjugador.

À luz do exposto, na primeira e na segunda partes deste artigo, verifica o leitor porque a Psiquiatria, a Neurologia e a Psicologia consideram a epilepsia e a esquizofrenia incuráveis pelo tratamento normal (o traumatismo craniano provoca convulsões, não, porém, do tipo epiléptico, pois no caso há consciência, razão pela qual pode a cirurgia resolver o

problema). Aliás, J. F. Brown, professor de Psicologia da Universidade do Kansas, nos Estados Unidos, escreveu, sobre o desconhecimento, pela medicina materialista, da verdadeira causa da epilepsia: “O século XIX viu o desenvolvimento do conceito da epilepsia, tal como o conhecemos hoje, e no século XX grande esforço tem sido feito a favor desse **INSOLÚVEL PROBLEMA MÉDICO**” (“unsolved medical problem”) – (The Psychodynamic of Anormal Behaviour”, isto é, “A Psicodinâmica do Comportamento Anormal”, Nova York, 1940, pág. 346). A. Smerj, não obstante, tem curado epiléticos e esquizofrênicos, sempre que a isso não se contraponha a Lei do Karma, que rege a evolução do Espírito, através das vidas sucessivas. A epilepsia e a esquizofrenia são doenças kármicas. De regra, o epilético e o esquizofrênico cometeram crimes tão pavorosos em vidas anteriores, que não podem deixar de se depurar, graças aos sofrimentos que acarretam essas duas terríveis doenças, a fim de que não continuem, nas vidas futuras, a praticar os mesmos erros.

Augustin Morel, neuro-psiquiatra suíço, professor de Psiquiatria da Universidade de Genebra, o primeiro a descrever a demência precoce (1860), que mais tarde passou a chamar-se **ESQUIZOFRENIA** (1911), criou a denominação **epilepsia larvada** para a completa, isto é, com todas as suas fases, na obra “Traité des maladies mentales” (Paris, 1860). O “**NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO**” ensina – **Larvar... ver larval**”. “**Larval... ver larva**”. “**Larva... 3. Entre os antigos romanos, ESPÍRITO MALFAZEJO DE UM MORTO, que vagueava entre os vivos para os aterrorizar.**” **Larvado (a)** vem do latim “larva”. “**O NOVÍSSIMO DICIONÁRIO LATINO-PORTUGUÊS**, de F. R. dos Santos Saraiva (Rio, 9ª edição, 1927), registra: - “**Larva, ou ... larvas... PHANTASMAS...**” – “**Larvatus plenus... POSSESSO...**” – “**Larvatus, a, um...**

possuído de larvas, **ESPIRITADO...**” Veja o leitor, por incrível que pareça, em que se inspirou o às da Neuropsiquiatria, para caracterizar a **EPILEPSIA**: em fantasmas, possessos, Espíritos malfazejos e espiritados. Coincidência, ou inspiração de algum espírito? Não é de estarrecer? ... Como se verifica, **EPILEPSIA (invasão)**, realmente, não passa de **subjugação espiritual**; e **esquizofrenia** (divisão da mente, dupla personalidade) outra coisa não é, de facto, senão a mais grave forma da **Obsessão espiritual**.

Geralmente, não publico os casos de cura de epilepsia e de esquizofrenia com nomes dos pacientes, por questão de ética, para não os prejudicar, seja profissional, seja socialmente. Os epiléticos e os esquizofrénicos, aliás, não são tratados pessoalmente. Mas através de representante, que mentalize seu rosto, com a mão esquerda posta sobre o ombro direito do médium, no momento de atrair o Espírito, subjugador ou obsessor, e afastá-lo definitivamente da sua vítima, sob pena de ser posto em estado de sono magnético (sonoterapia paranormal), na dependência própria da Sociedade, durante um ano ou mais tempo, conforme o grau de sua rebeldia, a receber, diariamente, de parte dos Guias e colaboradores – espirituais da SMERJ, tratamento magnético e evangelização telepática. Como vê o leitor, passa, o subjugador, então, de magnetizador a magnetizado. Há um caso, que vou divulgar hoje, excepcionalmente, contudo sem que isso prejudique a paciente, pois ficou curada de esquizofrenia na SMERJ em 1972, de forma tão radical que, desde aquela época (Há seis anos, portanto), nunca mais teve sintoma da doença, e, como verificará o leitor, ela própria é que, de sua iniciativa, escreveu uma carta à Sociedade, e pediu que o caso dela tivesse publicação:

“Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1978.

Senhor Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro:

Desejo relatar, como acto de justiça, a bem da verdade e para conhecimento de quem possa isso interessar, a cura que obtive com o tratamento paranormal da SMERJ. No dia 14 de Abril de 1972, fui submetida a um só tratamento nessa Sociedade, como deve constar da ficha em meu nome, e desde então fiquei curada de minha doença, por completo. Em 1958 tive minha primeira crise nervosa e fui internada na Casa de Saúde Dr. Eiras, de Botafogo (Pavilhão de N. S. de Fátima), onde permaneci sob tratamento psiquiátrico durante mês e meio. Em 1968 voltei a ser internada na mesma casa de saúde, dessa vez lá permanecendo três meses, sob tratamento à base de psicotrópicos e de electrochoques (cinco ao todo), os quais foram suspensos porque comecei a escarrar sangue. Após três meses tive alta, mas em 1970 voltei a ser internada, pela terceira vez, e por mais três meses, então na Casa de Saúde Pedro de Alcântara. Passei depois a tratar-me no Ambulatório do INPS, à Praça da Bandeira. Em Dezembro de 1971 fui internada pela quarta vez, agora na Casa de Saúde do Rio de Janeiro. Obtendo alta em Janeiro de 1972, e cansada dessa peregrinação, queixava-me disso, conversando com o Sr. Aurino Souto, Director da Acção Cristã Vicente Moretti, quando me perguntou ele se já havia recorrido a essa Sociedade, fazendo-lhe as melhores referências. Curada nessa Sociedade, no dia 14 de Abril de 1972, passei a trabalhar como médium no Templo Espírita Tupiara, por ter sede no mesmo bairro onde resido (Lins de Vasconcellos), e, portanto, ser mais cómodo para mim, dadas as dificuldades do tráfego. Desde 1972, estou absolutamente curada. Nunca mais tive nada. Esperei tanto tempo para escrever esta carta a essa Sociedade, por ser a doença insidiosa e dizerem que não tem

cura. Queria verificar com segurança, por mim mesma, se ficara realmente curada. Tendo ficado curada, desejaria que esta carta viesse a ser publicada, para conhecimento dos interessados. Deus e Jesus que continuem abençoando essa Sociedade, pela magnífica obra que há tanto tempo vem realizando e dêem forças e saúde a essa equipa de abnegados que nela trabalham: o Presidente, os Chefes das Equipas de Doutrinadores, os doutrinadores, os médiuns e as Relações Públicas. Creia que é de coração que agradeço a grande caridade que recebi dessa maravilhosa Sociedade. (a) Giovana Sevilha. Número da ficha da autora da carta emitida no dia 19 de Abril de 1972: 7.097.

ARTHUR MASSENA

(Investigador psíquico e Presidente da SMERJ)

(Transcrito da Revista portuguesa ESTUDOS PSÍQUICOS, Agosto/Setembro de 1979).

*

VIDA APÓS O PARTO

No ventre de uma mãe havia dois bebês. Um perguntou ao outro:

- Acreditas na vida após o parto?

O outro respondeu: -“É claro! Tem de haver algo após o parto. Talvez nós estejamos aqui para nos prepararmos para o que virá mais tarde.

- Disparate! – disse o primeiro. Que tipo de vida seria essa?

O segundo disse: - “Eu não sei, mas haverá mais luz do que aqui... Talvez nós possamos andar com as nossas próprias pernas e comer com as nossas bocas... Talvez tenhamos outros sentidos que não possamos entender agora.”

O primeiro disse: (isso é um absurdo! O cordão umbilical fornece-nos nutrição e tudo o mais que precisamos. O cordão umbilical é muito curto: a vida após o parto está fora de cogitação!

O segundo insistiu: -“Bem, eu acho que há alguma coisa e talvez seja diferente do que é aqui. Talvez nós não mais precisemos deste tubo físico.”

O primeiro contestou: -“Disparate! Além disso, se há realmente vida após o parto, então porque é que ninguém jamais voltou de lá?”

- “Bem, eu não sei – disse o segundo – mas certamente vamos encontrar a mãe e ela vai cuidar de nós.”

O primeiro respondeu:

- “Mãe!? Acreditas, realmente, na mãe? Isso é ridículo! Se a mãe existe, então onde está ela agora?”

O segundo disse: - “Ela está ao nosso redor. Estamos cercados por ela. Nós somos dela. É nela que vivemos. Sem ela este mundo não seria e não poderia existir.”

Disse o primeiro: -“Bem, eu não posso vê-la, então, é lógico que ela não existe!”

E o segundo respondeu: -“Às vezes, quando estamos em silêncio, se nos concentrarmos e realmente ouvirmos, poderás perceber a presença dela e ouvir a sua voz amorosa.”

Este foi o modo pelo qual um escritor húngaro explicou a existência de Deus.

ANÓNIMO

(Recebido via internet, sem identificação de qualquer espécie, mas, por acharmos o texto – e a ideia – bastante interessante, resolvemos transcrevê-lo para os nossos leitores).

*

AVÉ MARIA!

Maria, doce mãe dos desvalidos,
A Ti clamo, a Ti brado!
A Ti sobem, Senhora, os meus gemidos,
A Ti o hino sagrado
Do coração de um pai voa, ó Maria,
Pela filha inocente.
Com sua débil voz que balbucia,
Piedosa Mãe clemente ,
Ela já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pai dos céus
O pão de cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus, que é Teu Filho e tens nos braços
Se Tu, Mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
Da velha humanidade;
Despe de mim todo outro pensamento
E vã tenção da Terra;
Outra glória, outro amor, outro contento
De minha alma desterra.
Mãe, oh! Mãe, salva o filho que Te implora
Pela filha querida.
De mais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
Desta vida tão mal gasta e desprezada
Porque minha só era...
Salva-a, que a um santo amor está votada,

Nele se regenera.

ALMEIDA GARRETT

JOSÉ DA GALILEIA

“E eis que projectando ele isto, eis que lhe apareceu em sonho um anjo do Senhor, dizendo: - José, filho de David, não temas receber a Maria”
- MATEUS, 1 : 20.

Em geral, quando nos referimos aos vultos masculinos que se movimentam na tela gloriosa da missão de Jesus, atentemos para a precariedade dos seus companheiros, fixando, quase sempre, somente os derradeiros quadros de sua passagem no mundo.

É preciso, porém, observar que, a par de beneficiários ingratos, de ouvintes indiferentes, de perseguidores cruéis e de discípulos vacilantes, houve um homem integral que atendeu a Jesus, hipotecando-lhe o coração sem mácula e a consciência pura.

José da Galileia foi um homem tão profundamente espiritual que seu vulto sublime escapa às análises limitadas de quem não pode prescindir do material humano para um serviço de definições. Já pensaste no Cristianismo sem ele?

Quando se fala excessivamente em falência das criaturas, recordemos que houve tempo em que Maria e o Cristo foram confiados pelas Forças Divinas a um homem.

Entretanto, embora honrado pela solicitação de um anjo, nunca se vangloriou de dádiva tão alta.

Não obstante contemplar a sedução que Jesus exercia sobre os doutores, nunca abandonou a sua carpintaria. O mundo não tem outras notícias de suas actividades senão aquelas de atender às ordenações humanas, cumprindo um édito de César e as que no lo mostram no templo e no lar, entre a adoração e o trabalho.

Sem qualquer situação de evidência, deu a Jesus tudo quanto podia dar.

A ele deve o Cristianismo a porta da primeira hora, mas José passou no mundo dentro do divino silêncio de Deus.

EMMANUEL

(Do livro mediúnico LEVANTAR E SEGUIR, em psicografia do médium Francisco Cândido Xavier).

*

OS FILHOS DE NINGUÉM

Eles aí estão: encontram-se em cada esquina, desamparados, solitários, amargos, resignados, complacentes... mas tendo todos, no olhar que fixam nos outros, a amargura de um sentir e viver solitário porque não acompanhados de familiares ou amigos... e os olhos parecem gritar para os outros, numa revolta muda:

- Porquê? Porquê? Eu também sou gente!

Eles vivem no meio de todos nós, disfarçando a sua solidão, mas encontram-se sempre nos lares da terceira idade, para onde os familiares desinteressados das suas pessoas os atiraram como para o ante-túmulo onde são obrigados a viver... ou a vegetar!

Filhos de ninguém, porque aparentemente esquecidos até de Deus, que a todos nos criou para sermos felizes. Mas, para eles, onde se encontra ou onde se perdeu essa mesma felicidade? Muitos deles, na sua solidão, nem sequer podem indicar a data em que tudo começou... Para alguns, foi apenas quando chegou a reforma... quando começaram a esquecer as coisas a fazer... quando se perderam nas palavras que buscavam sem as encontrarem para as transmitir... nas doenças incómodas e sem cura... mas os outros, porque foi?

Num momento qualquer da existência de cada um, mais novos ou mais velhos, começaram a acontecer coisas que os perturbavam, porque diferentes de tudo o que acontecera até então... Viam o que ninguém via... ouviam o que ninguém escutava... e se, por vezes, os factos eram agradáveis, a maioria delas, com o passar dos tempos, tornavam-se desagradáveis, como se cada um, de per si, vivesse um pesadelo diferente mas igual!

O recurso à Ciência médica em nada os beneficiou, porquanto os medicamentos com que passaram a andar 'dopados' tornou-os, com o passar do tempo, numa espécie de vegetais ambulantes e ninguém sabia se alguma coisa sentiam ou eram apenas... coisas!

Homens, mulheres... marionetes! Seres que passaram a agir por impulsos, porque esses mesmos impulsos eram a única maneira de mostrarem para os outros que ainda estavam vivos! Não importava que os impulsos fossem uma consequência daquilo que os outros – os que mais ninguém via – os obrigavam a fazer... Eles faziam e pronto! Se havia quem risse das suas atitudes, a eles não os incomodava; se havia quem tivesse medo, o problema era de quem assim sentia; eles eram como eram e nem sequer queriam ser assim: apenas, eram uma consequência daquilo que a ciência médica se recusava a aceitar e a estudar.

Um dia, não sabiam a que propósito, alguém – um leigo qualquer – afirmara para quem o quis ouvir que as manifestações de todos eles estavam unicamente relacionadas com mediunidade. Todos eram médiuns! E um médium, o que é? – perguntara alguém.

Um médium – responderam – era alguém que fazia as vezes de um telefone entre o mundo do além ou o outro mundo, e o mundo terreno. Não era nenhuma doença, embora a ignorância de quem os rodeasse pudesse transformar em doença – ou loucura mansa – aquilo que nada tinha de mal. A mediunidade apenas tinha de ser educada, disciplinada, e cada médium seria um instrumento de que o “Alto” se serviria para comunicar com o terreno, dando mensagens dos que já tinham partido e transmitindo ensinamentos... Pois não era já um ensinamento o saber-se que através desses seres, o mundo espiritual – o dos mortos – podia comunicar com a Terra?

Com essas comunicações por intermédio dos médiuns, podia concluir-se que, afinal, a morte não existia pois cada um continuava, sem corpo matéria, a viver completamente do outro lado da vida (ou da morte), com os mesmos sentimentos, pensamentos e atitudes de quando passara pela Terra!

Mas esta atitude era demasiado alienatória, pois superava em muito o conhecimento científico... e então, os grandes maiorais da ciência médica, aqueles que sempre falaram de cátedra, resolveram classificar de dupla personalidade e de esquizofrenia aquele ramo de uma “doença” que cada vez se vem propagando mais e mais, atirando para os manicómios com todos os seus portadores – aqueles que recorriam à ciência para serem tratados, e eram transformados, com o decorrer do tempo, apenas em coisas – deixando de serem gente!

Entretanto, em determinada altura do tempo, um governante mais sabedor – ou mais ignorante? – que todos os outros, resolveu que no seu país havia manicómios a mais e que o importante era encerrá-los porque os seus habitantes não eram doentes: eram apenas crianças crescidas que precisavam do convívio com adultos para voltarem a ser gente! E pegou-se em todos esses manicomeados e distribuíram-se pelos diversos lares da Misericórdia, para que os velinhos que ali viviam fossem o exemplo dos que precisavam de voltarem a ser alguém... E os velinhos, os habitantes desses lares onde foram colocados por familiares mais ou menos desinteressados do que lhes acontecesse, passaram a ter à mesa das refeições, ou pelos dias afora, a companhia daqueles seres que, frente aos seus lugares à

mesa, tanto lhes podiam sorrir e tentar imitar como podiam atirar-lhes com a comida que lhes fora colocada nos pratos, ou serem ameaçados por uma faca ou um garfo com que os inconscientes os enfrentassem!

Passou a ser... como se Deus estivesse de costas voltadas para todos e todos eram, afinal, FILHOS DE NINGUÉM! Não filhos de Deus, porque não sabiam invocá-Lo nos momentos de desespero que viviam; ao filhos de alguém, porque há muito tempo deixaram de sentir o amor familiar a rodeá-los... e se um ou outro, mais feliz no meio de tanta infelicidade, tinha ainda, aos fins de semana, um familiar que dele se lembrava, o visitava ou até o levava, para passar numa casa diferente – que já tinha sido um lar, talvez perdido no meio das recordações – os dois ou três dias dos fins de semana, no regresso havia sempre a má vontade, a inveja, até mesmo a retaliação dos outros, mais conscientes, que tinha dado pela sua ausência e não tinham tido ninguém a fazer-lhes o mesmo! Filhos de ninguém! Seres esquecidos, atirados para o interior de umas paredes mais ou menos frias, a aguardarem que a morte chegue também para eles... a tentarem, tantas vezes, bloquearem os pensamentos e as recordações para não lembrarem que, para além daquelas paredes, daquelas grades – daquelas prisões! – a vida continua,. E que o sangue que corre ainda nas suas veias corre, igualmente, nas veias dos familiares que se encontram... do outro lado do muro!

Filhos de ninguém... seres transformados em coisas porque a ciência não quer ainda reconhecer que um SER maior que todos os seres inteligentes da Terra deu a uns e a outros um dom, para que mais rapidamente se faça luz no mistério que é a Vida – do outro lado da morte! Filhos de Deus... todos nós; filhos de ninguém aqueles que a sociedade transformou em cristais sem

alma – mas que a têm! – e continuam a ver e a sentir como qualquer outro ser pensante!

Até quando? Quando chegará o momento de o Homem reconhecer que há um SER que nos criou a todos e nos vai dando, gradativa e paternalmente, o que nos seja mais necessário para a evolução de todos nós? Quando compreenderá que a vivência na Terra é apenas uma situação transitória e que a nossa verdadeira vida foi, é e será sempre como Espíritos imortais, porque foi assim que Deus nos criou?!

Filhos de ninguém... afinal, todos nós, quando não reconhecemos Deus como o Criador do qual tudo nos vem!

MANUELA VASCONCELOS

^

*

FERMENTO ESPIRITUAL

“Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?” – PAULO. (I Coríntios, 5: 6).

O fermento é uma substância que excita outras substâncias, e nossa vida é sempre um fermento espiritual, com que influenciemos as existências alheias.

Ninguém vive só. Temos connosco milhares de expressões do pensamento dos outros e milhares de outras pessoas nos guardam a situação mental, inevitavelmente

Os raios de nossa influência entrosam-se com as emissões de quantos nos conhecem directa ou indirectamente, e pesam na balança do mundo para o bem ou para o mal.

Nossas palavras determinam palavras em quem nos ouve, e, toda vez que não formos sinceros, é provável que o interlocutor seja igualmente desleal.

Nossos modos e costumes geram modos e costumes da mesma natureza, em torno de nossos passos, mormente naqueles que se situam em posição inferior à nossa, nos círculos da experiência e do conhecimento.

Nossas atitudes e actos criam atitudes e actos do mesmo teor, em quantos nos rodeiam, porquanto aquilo que fazemos atinge o domínio da observação alheia, interferindo no centro de elaboração das forças mentais de nossos semelhantes.

O único processo, portanto, de reformar edificando é aceitar as sugestões do bem e praticá-las intensivamente, por intermédio de nossas acções.

Nas origens de nossas determinações, porém, reside a ideia.

A mente, em razão disso, é a sede de nossa actuação pessoal, onde estivermos.

Pensamento é fermentação espiritual. Em primeiro lugar, estabelece atitudes, em segundo gera hábitos e, depois, governa expressões e palavras através das quais a individualidade influencia na vida e no mundo. Regenerado, pois, o pensamento de um homem, o caminho que o conduz ao Senhor se lhe revela recto e limpo.

EMMANUEL

(In: FONTE VIVA, psicografia de Francisco Cândido Xavier: ed. FEB, capítulo 76).

*

BUSCO UM AMIGO...

.... Que me diga sempre a verdade, que não camufle os meus defeitos,
Que não despreze as minhas lágrimas!

Um amigo...

Cuja presença traga alegria, cujo silêncio transmita paz,
Cuja escuta inspire confiança; cuja lembrança infunda coragem...

Um amigo

Que não me seja nem mestre nem discípulo, mas um companheiro com o qual eu possa caminhar rumo ao infinito em qualquer momento, em qualquer estação, em qualquer circunstância...

Um amigo...

Que conserve a sua intimidade sem esconder o seu pranto...

Um amigo,

que ao amanhecer ao me diga “bom dia”, mas me abra o seu coração com um amável sorriso!

Um amigo...

Que creia na amizade e a viva com uma audaz conquista de liberdade...

Um amigo

Cuja amizade seja como óleo doce, suave e perfumado,
Extraído do fruto amargo de uma árvore espinhosa.

Um amigo...

Que não se preocupe em dar ou receber,
Mas que seja capaz de partilhar...

Um amigo...

Simples, sincero, natural... capaz de chorar,
Mas, sobretudo, de sorrir...

Um amigo...

Que seja uma centelha da bondade de Deus.

Pe. Luiz Carlos N. Gonçalves

